

Locução para quê?

Maria Carmelita Dias*

Abstract

This paper discusses groups of words traditionally called “locuções”. The different kinds of “locuções” are compared in terms of the classes they supposedly belong to and in terms of their common features and behavior. It becomes clear that it is not possible to join them all together under one single label.

Introdução – O problema



Esse artigo trata da questão da delimitação de unidades lexicais, dedicando-se a considerações acerca dos grupos de palavras tradicionalmente denominados como locuções. Em alguns trabalhos conjuntos, tratei da delimitação de unidades lexicais com

* Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

configuração maior do que um único vocábulo, em relação a expressões que são formadas de verbos leves e seus complementos, como o caso do verbo *dar* acompanhado de um sintagma nominal (Basílio, Dias e Martins 1994; Martins e Dias 2001). Vários autores têm dedicado especial atenção e extensa pesquisa a formações com verbos leves (Baptista 1997; Basílio, Dias e Martins 1993; Basílio 1999 e 2001, Garrão 2001; Salomão 1990; entre outros). Alguns outros tratam da questão da delimitação de unidades maiores que um vocábulo, indicando todo tipo de possibilidades, desde palavras compostas e expressões idiomáticas até frases feitas e clichês (Jackendoff 1997; Erman e Warren 1998).

A locução, porém, entra em uma seara mais comentada no âmbito da Gramática Tradicional. Em geral, as obras que mais modernamente tratam do status das locuções o fazem pelo viés das fronteiras entre classes de palavras que, a par de apresentarem itens lexicais simples, apresentam também conjuntos considerados como locuções – advérbios, preposições e conjunções. Para esses estudos em português, ver especialmente Leitão de Almeida 1995; Bomfim 1988 e 1999; Dias 1984 e 1995, Lemle 1984; Lobato 1989 e 1995; Pontes 1992.

Na realidade, o próprio termo que denomina tais grupos já traz uma série de problemas no que tange à sua definição; tais problemas costumam ser amenizados diante de questões como a delimitação entre classes e a inclusão de locuções em outras classes que não as que lhes dão nome. As definições de locuções abrigadas nos compêndios da gramática tradicional, os quais servem a estudantes e a boa parte dos professores de língua portuguesa, mesclam informações semânticas e sintáticas. Levando em conta dois manuais clássicos da Gramática Tradicional, vemos um tipo de comportamento diferenciado no tratamento das locuções.

Cunha e Cintra (1985) consideram diversos tipos de locuções em sua gramática. As locuções prepositivas e conjuntivas funcionam como verdadeiros conectivos, e sua classificação dependerá do último elemento – na verdade, aquele que indicará o tipo de conexão que está sendo realizada gramaticalmente: quando o último elemento for uma conjunção, será uma locução conjuntiva; quando for preposição, será uma locução prepositiva. Os autores chegam a denominar as locuções prepositivas de preposições complexas, mesma terminologia adotada por Quirk et. al. (1985) para a língua inglesa, e Perini (1996) para a língua portuguesa, como veremos adiante.

As outras locuções mencionadas por Cunha e Cintra são as adjetivas (ex. *de anjo, sem coragem*); as adverbiais (*em silêncio, à noite*); as pronominais (*cada qual, todo aquele que*) e as verbais (*podem vir, foi-se alargando*).¹

Rocha Lima (1999) não menciona o termo quando trata de verbos, deixando apenas claro que existem inúmeros auxiliares no português, dando como exemplos *querer, estar, ficar e ir*, mencionando que tal grupo de verbos se junta a formas nominais para produzir tempos compostos.²

1 Não falaremos aqui das locuções interjectivas, também mencionadas pelos autores, por causa da seu caráter inteiramente diverso em relação às demais classes de palavras.

2 No entanto, sugere que os únicos tempos compostos realmente conjugados são aqueles iniciados com os auxiliares considerados fundamentais: *ter e haver*, que formam os chamados tempos compostos e *ser*, formador da passiva.

O autor menciona a palavra “locução” quando se refere a apenas duas classes de palavras: advérbios e preposições. No capítulo de advérbios, considera que “duas ou mais palavras que funcionem como um advérbio constituem uma locução adverbial: às vezes, às cegas, às claras, às escondidas, ... de propósito, de frente, de repente, ..., por atacado, por milagre, etc.”. No entanto, deixando de lado uma tendência comum entre gramáticos, não menciona locuções para outros tipos de modificadores, os adjetivos. No capítulo de preposições, considera que “locuções prepositivas são duas ou mais palavras que desempenham o papel de uma preposição. Nessas locuções, a última palavra é sempre preposição. Exemplos: ao lado de, antes de, adiante de, ..., de acordo com, com respeito a, por causa de, ..., graças a, etc.”. Tampouco aqui há menção sobre o caso de locuções que pertencem a outra classe de conectivos, as conjunções. Em vez disso, Rocha Lima inclui, nos exemplos apresentados, tanto as conjunções individualmente quanto aquelas que se compõem de mais de um item.

Outras obras que tratam do assunto e levantam aspectos variados do problema merecem destaque.

Lemle (1984), ao analisar advérbios e preposições, propõe que haja apenas uma classe rotulada de preposição, que poderia ser intransitiva (os primeiros) ou transitiva (as segundas). A autora se refere a uma definição funcional de “locução”, em que essa poderia ser classificada diferentemente de acordo com a posição ocupada na oração. Cita a expressão *a cavalo*, que tanto poderia ser uma locução adjetiva (*um homem a cavalo*) quanto adverbial (*chegou a cavalo*). Sem entrar em detalhes da análise de Lemle, é importante notar sua preocupação em procurar outros modos de classificação. Vale dizer também que a análise de Lemle traz como vantagem o fato de mostrar um comportamento semelhante entre os grupos das preposições e de alguns advérbios, e sugere uma classificação elegante e econômica. Porém, como já argumentei anteriormente (Dias 1995), essa abordagem, embora tenha a semântica como embasamento de união, focaliza uma característica sintática, a qual, por si só, acreditamos não ser suficiente para a categorização.

Lobato (1995) faz longa argumentação para comprovar a posição clássica de que *adiante* é classificado como advérbio e o conjunto *adiante de mim* como um sintagma preposicional. Não era intento da autora discutir a questão das locuções. Contudo, podemos ver, pela análise, que o grupo *adiante de* é o introdutor do sintagma preposicional, funcionando sintaticamente como uma preposição e, conseqüentemente, pertencente a essa última classe de palavras. O que de certa forma enfraquece os argumentos de Lobato é que a autora, ao tentar responder à pergunta de como pode um advérbio expressar uma relação (função típica de preposições, e não, de advérbios), se vale da semântica do item lexical *adiante*. No entanto, existem inúmeros pares análogos, o que faz supor uma análise geral para o fato de haver uma “coincidência” entre advérbios/ grupos adverbiais e preposições: *fora/ fora de, embaixo/ embaixo de, antes/ antes de, na frente/ na frente de, em cima/ em cima de, ao lado/ ao lado de, etc.*

Em trabalho anterior (Dias 1995), defendi a idéia de que as locuções prepositivas eram uma subclasse das preposições, uma vez que há uma

similaridade de comportamento no que tange ao conteúdo semântico (expressão de uma circunstância), ao emprego sintático (ligação entre constituintes) e à natureza dos possíveis complementos (sintagmas nominais ou orações com formas nominais de verbos). Adiante, confirmo e radicalizo essa idéia, acrescentando outros dados relativos a outros tipos de locução.

Bomfim, que é uma referência em assuntos relacionados a locuções, classes de palavras e limites entre advérbios e outras classes, apresenta (1999) uma revisão da literatura sobre a questão de advérbios, preposições e suas fronteiras. É importante destacar sua preocupação com o status da locução na obra citada. Salieta a autora que nos vários trabalhos analisados por ela, não há um real destaque para a delimitação do espaço ocupado pela locução em si e propõe uma estratégia de análise que leve em conta: (i) “o conteúdo significativo, as propriedades morfológicas e o comportamento sintático dos elementos formadores” e (ii) “o grau de coesão interna do todo e de gramaticalização das partes”. Sem dúvida, o caminho apontado por Bomfim é promissor e ela o desenvolve no que tange às locuções prepositivas e sua ligação com advérbios e conjunções, dando até mesmo razões históricas para justificar o fato de que o conteúdo de algumas delas se esvaziou no tempo.

Embora a literatura aqui comentada apresente alguns pontos de convergência, todas as obras carecem de considerar a questão da locução de uma maneira mais genérica, mesmo os autores que demonstram uma preocupação maior com a questão (Bomfim 1999; Dias 1995). Como, em geral, o objetivo dos autores é delimitar as fronteiras entre certas classes de palavras, deixam de ser mencionados outros tipos de locuções, como aquelas compostas por verbos, por exemplo. É o que faremos nas partes que se seguem.

1. Locuções ou Adjuntos?

Se levamos em conta as informações sintáticas consideradas pelos autores citados, podemos ver que, dentro de um mesmo rótulo, estão incluídas expressões que ora têm o status de um constituinte de oração, como as locuções adverbiais, ora são apenas partes deles, como as locuções prepositivas, que são conectivos introdutores de sintagmas preposicionais. A justificativa para misturar elementos diferentes parece se centrar em um critério semântico: “ter o mesmo valor”. E, se levamos em conta um critério formal, podemos ver que algumas locuções têm um representante da classe que as denomina (prepositivas, conjuntivas) e outras, não (adjetivas, adverbiais).

Percebemos que algumas das chamadas locuções efetivamente têm uma função sintática, ou seja, são constituintes de uma oração. É o caso das locuções chamadas de adjetivas e daquelas chamadas de adverbiais, que funcionam como adjuntos adnominais (*casa de boneca*, *homem sem coragem*) ou adverbiais (*aconteceu por milagre*, *veio às pressas*).

O argumento para considerar um grupo de palavras como uma locução adjetiva é que ele pode ser substituído por um item lexical dessa classe. Assim, um *homem sem coragem* é o mesmo que um *homem medroso*. No entanto, considerar que o grupo *sem coragem* tem o valor de um adjetivo

por ter a possibilidade de ser substituído pela palavra *medroso* só demonstra que a língua apresenta inúmeros artifícios para transmitir os mesmos tipos de conteúdo. E mostra também que, assim como os adjetivos, esses grupos só terão “valor de adjetivo” quando o ambiente sintático assim permitir.

Consideremos os exemplos abaixo:

1. (a) Pronto para aplicar uma punição, o coronel chamou o soldado **medroso**.
(b) Não pretendo convidar todos os soldados, apenas o **medroso**.
2. (a) Pronto para aplicar uma punição, o coronel chamou o soldado **sem coragem**.
(b) **Sem coragem** de admitir o erro, o soldado preferiu mentir.

O contexto indica que, nas sentenças (a), os itens *medroso* e *sem coragem* são adjuntos adnominais, modificadores do núcleo do objeto direto. Porém, isso não justifica denominar a expressão composta em adjetivo, ou locução adjetiva, pois, por um lado, ela não é formada por nenhum item que seja adjetivo em si mesmo, e, por outro, as mesmas palavras podem vir em uma sentença como 2.(b), em que não funcionam como adjunto adnominal e não têm “valor de adjetivo”. Em 1(b), o adjetivo *medroso* passa a ser considerado como um substantivo, por vir precedido de artigo e por estar em posição de núcleo de sintagma nominal, mas sua função sintática não é associada tipicamente à classe dos adjetivos.

O comportamento observado em relação aos adjuntos adnominais pode ocorrer igualmente com adjuntos adverbiais, como é o caso dos exemplos abaixo:

3. (a) O que parecia impossível aconteceu **por milagre**.
(b) Todos esperavam **por milagre** que nunca aconteceu.

Em 3.(a), o grupo iniciado por preposição é um adjunto adverbial, mas, na sentença (b), trata-se de um sintagma iniciado por uma preposição que foi acionada pelo verbo esperar – logo, é um mero acaso sintático a ocorrência das duas palavras juntas.

Na realidade, os grupos aqui apresentados como locuções adjetivas ou adverbiais são sintagmas preposicionais com uma função sintático-semântica atribuída a adjetivos ou advérbios, respectivamente, ou seja, qualificar substantivos ou exprimir circunstâncias como lugar, tempo, causa, etc. Não há como sustentar que *sem coragem* é sempre uma locução adjetiva e que *por milagre* é sempre uma locução adverbial, pois não há uma identidade mórfica nem a ocorrência de um elemento dessas classes dentro da expressão. Argumentei em 1995 que as locuções prepositivas eram uma subclasse das preposições, mas o mesmo argumento não pode ser usado aqui. Não se podem considerar as locuções adjetivas e adverbiais como subclasses dentro das classes dos adjetivos e advérbios. Os exemplos nos mostram que as chamadas “locuções adjetivas” e “locuções adverbiais” são formações sintáticas,

idiossincráticas, e só recebem esses rótulos por causa de sua função de adjunto. Enquanto *adiante de* ou *em cima de* são sempre locuções prepositivas, *sem coragem* e *por milagre* são agrupamentos casuais.

Uma parte do tipo de classificação visto nas gramáticas pode se dever ao fato, assinalado por Dias, Frota & Vereza (1993), de que a análise sintática tradicional carece de um nível intermediário entre classe de palavra e função sintática. As autoras argumentam que o sintagma constitui esse nível, uma vez que grupos de palavras reunidas em torno de um elemento nuclear (nos casos apontados, sintagmas preposicionais) podem tomar diferentes funções sintáticas. Assim, na falta de um termo que contemple informações além da classe de palavra e que mostre um dado comportamento sintático, optou-se pela classificação que indica agrupamentos, sem que seja levada em conta a natureza dos diferentes agrupamentos possíveis.

2. Locuções ou ...?

Há um grupo de locuções que, em separado, não apresentam função sintática, ou seja não são constituintes de orações. Tal é o caso das locuções prepositivas, conjuntivas e verbais. Vejamos os exemplos abaixo.

4. Sairei [**depois da** chuva].
5. Sairei [**depois que** a chuva passar].
6. Todos os candidatos [**estavam estudando** inglês].

Os colchetes delimitam os constituintes em que as locuções (em negrito) se inserem. Nos dois primeiros casos, temos sintagmas preposicionais – de acordo com a análise aqui apresentada – com funções de adjuntos adverbiais. Na sentença 6, o sintagma verbal é constituído de uma locução verbal e do complemento do verbo *estudar*.

2.1. Locuções prepositivas

Os estudos aqui mencionados em geral comparam locuções prepositivas com advérbios ou grupos formados por eles. Nesse caso, estão incluídos advérbios que exprimem lugar e tempo, como, por exemplo, *antes*, *em cima*, *por trás*. No entanto, essa questão não pode ser devidamente considerada sem a inclusão de grupos formados por outras classes e que também expressam circunstâncias, como *em virtude de* (causa), *a partir de* (tempo), *de acordo com* (conformidade).

O caso de substantivo antecedido e precedido por preposições é exemplar para mostrar as características daquilo que estamos chamando aqui efetivamente de locuções. Mattoso Câmara (1984) define locução, em geral, como a “reunião de dois vocábulos que conservam a individualidade fonética e mórfica, mas constituem uma unidade significativa para determinada função”. Logo, o que estabelece o caráter locucional de um expressão é o fato de ela ser bloco significativo com uma função dada. Mais adiante, ao mencionar locuções prepositivas formadas por substantivos, acrescenta que o substantivo

é gramaticalizado, i.é, passa por um “processo que consiste em transformar vocábulos lexicais, ou palavras, providas de semantema, em palavras gramaticais”. Sendo assim, o que vale é o bloco significativo e não o significado de cada um dos itens que compõem a locução.

Para o caso de locuções prepositivas formadas por advérbios, o valor semântico está centrado no valor circunstancial; logo, obviamente existe um caráter adverbial no significado de tais locuções. Na verdade, não se trata de nenhuma novidade, pois preposições também têm sua semântica ligada a circunstâncias (espaço, tempo, causa, fim, etc.). No caso de formação com substantivos, o valor do bloco significativo não se refere ao substantivo e sim à questão da circunstância, ou seja, existe um valor adverbial, em termos de significado, das locuções formadas por substantivos: *graças a* (causa), *em frente de* (espaço), etc. (ver Dias 1984 para outros exemplos). Tal regra vale também para outros tipos de formações, como aquelas que incluem verbos. Tais formações, não mencionadas por Mattoso, são igualmente possíveis em português: *devido a* (causa), *a partir de* (tempo).

Para avaliarmos melhor a classificação de uma locução prepositiva, precisamos então considerar sua função, qual seja, introduzir sintagmas preposicionais, em especial aqueles que exprimem circunstância. Tal função, na realidade, é própria das preposições simples.

Vejamos o exemplo em (7).

7. (a) O cachorro se escondeu **sob** a mesa.
 (b) O cachorro se escondeu **embaixo da** mesa.

As locuções prepositivas nada mais são do que preposições desdobradas, com as mesmas funções sintáticas (introdutores de sintagmas preposicionais), semânticas (indicadores de circunstâncias) e discursivas (conectores), sendo os dois grupos intercambiáveis. Leitão de Almeida (1995) comprova que certas locuções prepositivas estão até mesmo tomando o lugar das preposições simples: a preposição locativa *sobre*, por exemplo, tem sido, na fala do Brasil, substituída sistematicamente pela locução sinônima *em cima de*, pelo menos em uso concreto.

Em concordância com esse argumento, Quirk et. al. (1985) adotam, para a língua inglesa, a nomenclatura *preposições simples* e *preposições complexas* (as locuções). Tal classificação parece-nos bastante apropriada pois, se, por um lado, enfatiza as semelhanças entre os dois grupos, por outro lado, evita a confusão definitiva associada ao termo.

Perini (1996) desenvolve o mesmo raciocínio e considera os grupos tradicionalmente chamados de locuções prepositivas de “preposições compostas”, destacando que “uma seqüência como *antes de* será um único item léxico, a saber, uma preposição composta”. Perini, nesse caso, entra no mérito da delimitação do item lexical, que é a preocupação que move o presente trabalho.

2.2. Locuções conjuntivas

A explicação que demos acima pode funcionar também para as locuções conjuntivas, como vemos nos exemplos abaixo.

8. Ele mudou de partido **a fim de que** os estudantes também votassem nele.
9. Vou chegar mais cedo amanhã **a menos que** aconteça algum imprevisto.

No entanto, há um complicador. Como vimos antes (Dias 1984), preposições e locuções prepositivas são intercambiáveis na maior parte das vezes. E existe um número razoável de preposições simples, indicando toda sorte de circunstância. No caso das conjunções, porém, esse mobilidade é muito restrita. Conjunções coordenativas simples raramente são desdobradas em locuções. E as conjunções subordinativas, excetuando-se as integrantes *que* e *se*, na maior parte das vezes já são compostas de mais de um vocábulo. Não raro, quando uma locução conjuntiva é substituída por um termo, este é uma locução prepositiva ou uma preposição. É o caso da sentença (10).

10. Ele mudou de partido **a fim de** conseguir mais votos.

Assim, não me parece muito adequado fazer uma subdivisão, ou propor uma subclasse dentro das conjunções, a não ser para manter uma coerência na análise. Mesmo com esse impasse, as locuções conjuntivas têm um comportamento semelhante ao das locuções prepositivas. Em primeiro lugar, têm um valor semântico de circunstância (tempo, causa, conformidade, etc.). Em segundo, fazem conexões entre constituintes, mas não são elas próprias constituintes. Ou seja, não funcionam como sintagmas, mas são partes deles, em geral, partes de sintagmas oracionais.

Conjunções subordinativas, assim como preposições, são analisadas juntamente com advérbios porque muitas delas também expressam circunstância, como, por exemplo, causa (*porque, uma vez que*), tempo (*quando, logo que*) ou conseqüência (*tão... que*). Por esse motivo, conjunções subordinativas são introdutoras de adjuntos adverbiais (ou orações adverbiais). Como introdutoras, mantêm sempre o caráter funcional em primeiro lugar. Esse caráter é compartilhado com as conjunções coordenativas e com as conjunções integrantes, as quais não expressam circunstância.

2.3. Locuções verbais

Locuções verbais se assemelham às locuções prepositivas e conjuntivas no sentido em que não são constituintes, mas partes dos predicados das orações ou núcleos de sintagmas verbais. Perini (1996) classifica verbos funcionalmente como núcleos de predicados (NdP), ou seja, os únicos elementos realmente necessários em orações e em torno dos quais vão ser definidas todas as outras funções. Perini não usa a palavra “locução” para se referir a formas verbais compostas, mas indica que, às vezes, uma oração pode ter dois verbos, o que caracterizaria um predicado complexo. Nesse caso, a forma conjugada é o “auxiliar” e a forma não-finita (particípio, gerúndio, infinitivo) é o núcleo do predicado, porque toda a complementação e todos os outros constituintes vão se processar a partir dele.

O que está em jogo na classificação do verbo como núcleo do predicado é a complementação. Os auxiliares indicam tempo, aspecto ou modo, mas são irrelevantes para “efeitos de escolha de complementos”. Como os auxiliares são acoplados a verbos que, por sua vez, são partes de um constituinte (o predicado), eles tampouco exercem uma função sintática, comportando-se da mesma maneira que as locuções prepositivas e conjuntivas. Porém, há uma diferença fundamental: o fato de chamar um grupo verbal de locução não indica que existe uma subclasse de verbos que podem ser intercambiáveis com verbos simples. Quando um falante opta por uma “locução verbal”, ele está na verdade incluindo informações temporais, aspectuais e/ou modais, além das informações já contidas na própria semântica do verbo em forma não-finita. Poucas vezes, há uma possibilidade de substituição, como é o caso de *cantava* e *estava cantando*, que assim mesmo apresentam diferenças sutis. As chamadas locuções verbais não são uma subclasse à parte; são formas compostas com um utilidade própria. É importante também notar que a divisão entre “locução verbal” e “tempos compostos” só faz aumentar a confusão. Em primeiro lugar, o único tempo composto que substitui o tempo simples é o pretérito mais-que-perfeito; e isso só ocorre em parte, pois há diferenças de uso entre as duas formas. Em segundo lugar, não há porque privilegiar grupos formados por dois auxiliares (*ter* e *haver*) em detrimento dos outros, que têm as mesmas funções e exprimem o mesmo tipo de noção. Existem alguns grupos que podem substituir tempos simples, como é o caso do futuro (*vou cantar / cantarei*); existem outros que acrescentam uma noção de aspecto (*estou cantando*) ou modo (*posso cantar*) e não estão necessariamente relacionados a tempos simples. Existem alguns auxiliares denominados básicos, como *ser*, *estar*, *ir*. Outros são denominados modais, como *dever*, *ter que*. Em poucas palavras, não há um padrão que justifique nem a existência de tempos compostos nem de locuções verbais, a não ser por motivos de tradição e conveniência.

Ilari (1997) também evita usar o termo “locução”, referindo-se aos grupos verbais com o nome mais genérico de “perífrases”. Como seu objetivo é indicar de que modo o tempo é expresso em português, discute as perífrases de tempo, salientando que verbos auxiliares também podem indicar aspecto e modo. Assim, também aqui não vemos justificativa para manter o termo.

Conclusão

No dicionário de Crystal (1988), locução é o “termo usado na Gramática tradicional indicando um conjunto de duas ou mais palavras que funcionam como uma só entidade, como se, combinadas, formassem um elemento novo.” O exemplo apresentado por Crystal – a locução adjetiva *do presidente* como equivalente ao adjetivo *presidencial* na verdade cai no mesmo problema das locuções adverbiais e adjetivas mencionado acima. Ainda assim, o verbete menciona também as “locuções verbais” (como *começar a fazer*), em oposição aos tradicionalmente chamados “tempos compostos”. No final do verbete, há uma observação de que o “termo foi substituído mais recentemente

por **sintagma**, que tem um sentido mais amplo, podendo funcionar como um constituinte.” Isso mostra a confusão que se faz quando se procuram definir os limites das unidades lexicais que apresentam mais de uma palavra.

Argumentei aqui que a palavra “locução” só deve ser usada para grupos que não funcionam como constituintes. Logo, no caso de adjetivos e advérbios, não temos exemplos de locuções, mas estruturas formadas sintagmaticamente em enunciados lingüísticos. Porém, mesmo no caso dos outros três grupos analisados – preposições, conjunções e verbos –, e diante dos problemas vistos na análise de locuções conjuntivas e locuções verbais, talvez fosse mais coerente uma atitude mais radical, banindo a palavra “locução” da classe de verbos, preposições e conjunções e considerando esses grupos como itens lexicais vistos como uma única entidade. Vimos que as conjunções podem ter valor circunstancial, mas sua marca registrada é a função conectora. E os verbos auxiliares funcionam como parte do predicado e portadores de informações gramaticais. Assim, ou consideramos apenas locuções no caso dessas três classes, ou simplesmente deixamos de usar o termo locução, por ser tão comprometido com análises diversas, comportamentos diversos e classes de tipos diversos. Por ora, e até prova em contrário, acho a segunda opção mais lógica e coerente.

Podemos pensar nesses grupos como exemplos de “linguagem pré-fabricada” ou **prefabs** (Erman e Warren 1998). As autoras argumentam que as línguas estão repletas de palavras agrupadas que são usadas como um item lexical pelos falantes. Sua definição para **prefab** é “uma combinação de pelo menos duas palavras favorecidas pelos falantes nativos em detrimento de outras combinações alternativas, que seriam equivalentes caso não houvesse a convencionalização” (1998:3). Bomfim (1999) e Leitão de Almeida (1995) demonstram que várias conjunções e locuções prepositivas são formadas a partir de advérbios e acabam tendo um caráter conector diferentemente da classe que lhes deu origem. Ocorre então que, ao longo dos anos, os falantes convencionalizam certas construções que podem acabar como um item lexical individual (Ex. a conjunção *embora*) ou funcionar como tal (os exemplos mencionados neste trabalho). No segundo caso, constituem-se em verdadeiros **prefabs**, o que auxilia os falantes em seu acesso lexical a esse tipo de palavras.

Referências Bibliográficas

BAPTISTA, J. (1997) Sermão, tarefa e facada: uma classificação das construções conversas dar-levar. In: Seminários de Linguística 1. Faro: Univ. do Algarve – UCEH.

BASÍLIO, M. (1999). Padrões de configuração estrutural de unidades lexicais. In: *Para sempre em mim: homenagem à Profª. Angela Vaz Leão*. Belo Horizonte: CESPUC-MINAS.

_____. (2001). Em torno da palavra como unidade lexical: palavras e composições. In: *Veredas – Revista de Estudos Lingüísticos* 7, v. 4 nº. 2. Juiz de Fora: Ed.UFJF. pp.9-18.

- BASÍLIO, M.; DIAS, M.C. & MARTINS, H. (1994). Expressões “dar + SN”.... In: Anais do III Congresso da ASSEL-RIO, UFRJ.
- BOMFIM, E. (1988) *Advérbios*. São Paulo:Ática
- _____ (1999). Advérbios, preposições ou conjunções? Fronteiras entre classes de palavras. In: A. VALENTE (org.). *Aulas de Português – Perspectivas inovadoras*. Petrópolis: Ed. Vozes.
- CRYSTAL, D. (1988). *Dicionário de Lingüística e Fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- CUNHA, C. & CINTRA, L. (1985). *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira.
- DIAS, M.C. (1984). *Uma proposta de tratamento automático das locuções prepositivas no português*. Dissertação de Mestrado. PUC-Rio.
- _____ (1995). Revendo as locuções prepositivas. In: : J.HEYE (org.). *Flores Verbais*. Rio de Janeiro, Departamento de Letras, PUC-Rio.
- DIAS, M.C.; FROTA, S. & VEREZA, S. (1993). Um estudo comparativo dos sintagmas nominais do inglês e do português. In: *Anais do II Congresso da ASSEL-RIO, UFRJ*.
- ERMAN, B. & WARREN, B. (1998). The idiom principle and the open choice principle. Universidade de Lund, Suécia. Manuscrito.
- GARRÃO, M. (2001). Um estudo de expressões cristalizadas e sua inclusão em um tradutor automático bilíngüe (português-inglês): o caso de “bater + SN”. Dissertação de Mestrado. PUC-Rio
- ILARI, R. (1997). *A expressão do tempo em português*. São Paulo: Ed. Contexto/ EDUC.
- JACKENDOFF, R. (1990). *Semantic Structures*. Cambridge,Mass.: The MIT Press.
- _____ (1997). *The Architecture of the Language Faculty*. Cambridge,Mass.: The MIT Press.
- LEITÃO DE ALMEIDA, M.L. (1995). Aqui e agora. In: : J.HEYE (org.). *Flores Verbais*. Rio de Janeiro, Departamento de Letras, PUC-Rio.
- LEMLE, M. (1984). *Análise Sintática*. São Paulo: Ed. Ática.
- LOBATO, L. (1989). Advérbios e preposições, sintagmas adverbiais e sintagmas preposicionais. In: *Delta* 5(1): 101-120.
- _____ (1995). De novo sobre advérbios e preposições. In: J.HEYE (org.). *Flores Verbais*. Rio de Janeiro, Departamento de Letras, PUC-Rio.
- MARTINS, H. & DIAS, M.C. (2001). Expressões “dar + SN”: formações lexicais? In: M.H.M.NEVES (org.). *Descrição do português: definindo rumos de pesquisa*. Araraquara: Laboratório Editorial/UNESP/Araraquara & Cultura Acadêmica Ed.
- MATTOSO CÂMARA, J. (1984). *Dicionário de lingüística e gramática*. Petrópolis: Ed. Vozes.
- PERINI, M. (1996). *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ed. Ática.
- PONTES, E. (1992). *Espaço e tempo na língua portuguesa*. São Paulo: Ed. Pontes.

QUIRK, R. et al. (1985). *A comprehensive grammar of the English language*. London & New York: Longman.

ROCHA LIMA, C. (1999-1972). *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.

SALOMÃO, M. (1990). *Polysemy, aspect and modality in Brazilian Portuguese: the case for a cognitive explanation of grammar*. Tese de Doutorado. Universidade de Berkeley.